

DESEMPREGO NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE: ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA DOS ANOS 2000

UNEMPLOYMENT IN THE METROPOLITAN AREA OF PORTO ALEGRE: ASPECTS OF THE EXPERIENCE OF THE 2000s

Raul Luís Assumpção Bastos^(*)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) nos anos 2000, valendo-se da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego. Inicialmente, procura-se identificar e interpretar as tendências gerais do desemprego quanto à incidência, estoque e duração; logo após, exploram-se evidências sobre as fontes de sobrevivência dos desempregados no período; posteriormente, analisa-se o desemprego de acordo com características populacionais e socioeconômicas. Conforme é mostrado no estudo, o desemprego passou por um processo importante de redução na RMPA nos anos 2000. Em um ambiente macroeconômico mais favorável — com ênfase no período de 2004 ao terceiro trimestre de 2008 —, a capacidade de geração de oportunidades de trabalho tornou possível uma retração do desemprego para níveis bastante inferiores aos verificados no final do decênio anterior.

Palavras-chave: Desemprego. Composição do desemprego. Mercado de trabalho metropolitano.

ABSTRACT

This paper aims to analyze unemployment in the Metropolitan Area of Porto Alegre (RMPA), Brazil, in the 2000s, with data of the Employment and Unemployment Research. Firstly it identifies and interprets the general trends of the unemployment regarding to incidence, stock and duration; secondly, it examines evidence about the sources of livelihood of the unemployed workers; and third, it analyzes unemployment according to demographic and socioeconomic characteristics. The study concludes that unemployment has experienced a significant reduction in the RMPA throughout the 2000s. The favorable macroeconomic environment — especially from 2004 until the third quarter of 2008 -, increased the capacity of the economy to generate work opportunities and made possible a decline of the unemployment to much lower levels compared to those existent in the end of the previous decennium.

Keywords: Unemployment. Unemployment composition. Metropolitan labour market.

(*) Doutor em Economia pelo Instituto de Economia da UFRJ. Economista da Fundação de Economia e Estatística, Centro de Pesquisa de Emprego e Desemprego — Núcleo de Análise Socioeconômica e Estatística. *E-mail:* <bastos@fee.tche.br>.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo analisar o desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) nos anos 2000. Ele se insere em um trabalho mais amplo desenvolvido pelos pesquisadores do Núcleo de Análise Socioeconômica e Estatística da Pesquisa de Emprego e Desemprego na RMPA (PED-RMPA), cujo propósito é o de identificar, analisar e interpretar as principais transformações do mercado de trabalho nesta região metropolitana nos anos 2000.

Esse período foi marcado por uma série de diferenças relevantes em comparação com a trajetória do mercado de trabalho metropolitano nos anos 1990. Nos anos 1990, os processos de abertura comercial e de reestruturação produtiva, inseridos em um ambiente macroeconômico caracterizado por baixas taxas de crescimento do produto, trouxeram consigo a estagnação da capacidade de absorção de mão de obra pelo mercado de trabalho, o avanço na desregulamentação das relações de trabalho e a ampliação do desemprego, configurando um fenômeno reconhecido como de precarização do trabalho (IPEA, 2006; TONI, 2007). No que se refere ao desemprego, a sua incidência na RMPA, em 1999, havia atingido o seu nível mais elevado, tornando-se um dos mais graves problemas com o qual se deparava o mercado de trabalho local (CHAVES *et al.*, 2010). Todavia, a trajetória do mercado de trabalho modificou-se nos anos 2000. Em um contexto macroeconômico mais favorável, de maiores taxas de crescimento do produto, particularmente no período 2004-2008, o ritmo de geração de oportunidades de trabalho foi bem mais elevado, reduzindo o nível de desemprego na RMPA. A par deste aspecto, a criação de emprego assalariado com carteira de trabalho assinada contribuiu para uma retomada do processo de estruturação do mercado de trabalho, que havia sido muito fragilizado durante os anos 1990 (TONI, 2007; CHAVES *et al.*, 2010). A crise econômica global, que incidiu sobre a economia brasileira a partir do último trimestre de 2008, prejudicou o desempenho do mercado de trabalho em 2009, mas não a ponto de reverter a melhora verificada nos anos imediatamente anteriores na RMPA: em particular, esta não causou elevação do desemprego para patamar superior ao de 2008.

O estudo desenvolvido neste trabalho sobre o desemprego nos anos 2000 tem como premissa o reconhecimento de que este fenômeno, para ser adequadamente apreendido, precisa ser tomado como multifacetado. A esse respeito, dentre outros aspectos, pode-se assinalar que o desemprego não incide de forma idêntica sobre os diversos grupos populacionais e socioeconômicos; que as mudanças em sua composição revelam quais segmentos estão se tornando majoritários em seu estoque; e, como desdobramento normativo, indicam que orientação deverão tomar as políticas públicas para enfrentá-lo de forma mais efetiva.

A compreensão de que o desemprego é um fenômeno multifacetado é também contemplada neste estudo em outra dimensão, na medida em que a metodologia da PED permite decompô-lo em dois tipos, o aberto e o oculto. O componente aberto

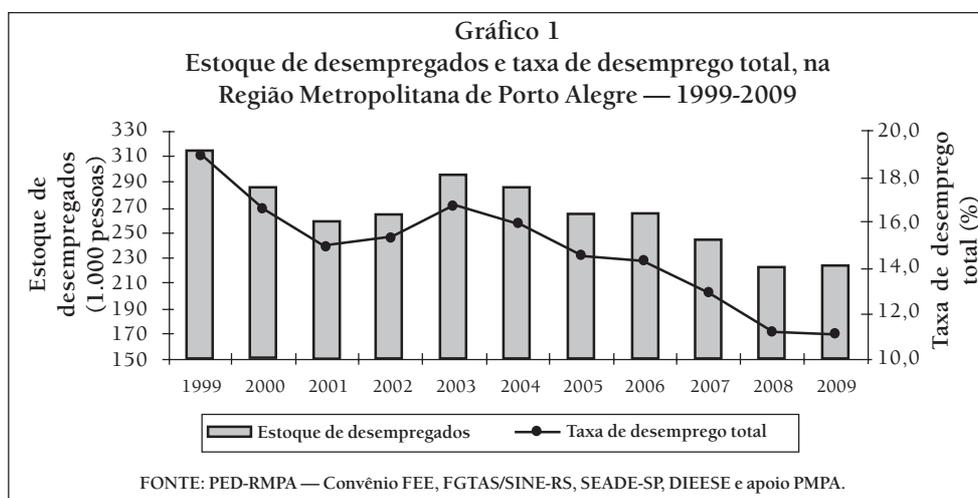
está mais associado com uma concepção convencional de desemprego, conforme definido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) (HUSSMANN, 2007). Já o componente oculto busca capturar a situação de indivíduos que se encontram em uma zona limítrofe entre desemprego, inatividade e ocupação, que condiz mais com a realidade de mercados de trabalho heterogêneos, como o latino-americano. Nesses mercados, uma proporção considerável de ocupados encontra-se em inserções que não correspondem ao emprego assalariado com carteira de trabalho assinada, ficando à margem do sistema de proteção social, na condição de trabalhadores subempregados ou desalentados.

Com base no objetivo estabelecido e nos aspectos sumariamente delineados acima, o artigo foi organizado da seguinte forma: após esta breve introdução, a seção 2 procura identificar e interpretar as tendências gerais do desemprego na RMPA nos anos 2000; a seção 3 explora evidências sobre as fontes de sobrevivência dos desempregados no período; a seção 4 analisa o desemprego de acordo com características populacionais e socioeconômicas, assim como as mudanças na composição do estoque de desempregados nos anos 2000; por último, nas considerações finais, são resumidas as principais evidências proporcionadas pelo estudo.

2. TENDÊNCIAS GERAIS DO DESEMPREGO NA RMPA NOS ANOS 2000

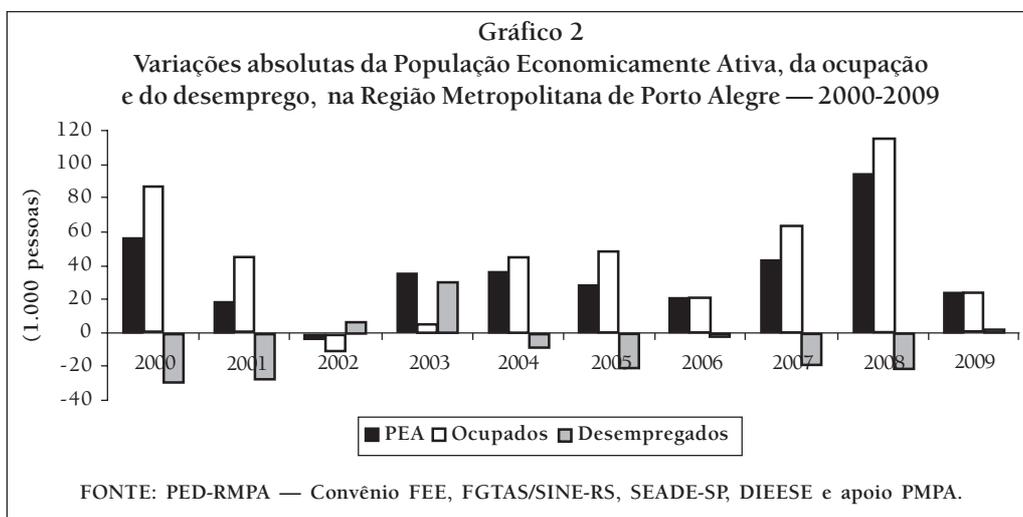
O contexto de baixo crescimento econômico, combinado com a abertura comercial e com a reestruturação produtiva, fez com que o mercado de trabalho da RMPA passasse por um processo de deterioração nos anos 1990 (GALEAZZI *et al.*, 2002; TONI, 2007; CHAVES *et al.*, 2010). No que se refere ao desemprego, a sua incidência havia atingido 19,0% e o estoque de desempregados totalizava 316 mil pessoas em 1999, situando-se em seus níveis mais elevados da série histórica da PED-RMPA. Como referência comparativa, na primeira média anual da Pesquisa, em 1993, a taxa de desemprego total era de 12,2% e o estoque de desempregados de 174 mil pessoas, patamares muito inferiores aos verificados ao final dos anos 1990.

No que diz respeito aos anos 2000, constata-se que de 2000 a 2003 o desemprego não apresentou uma tendência bem definida na RMPA, pois se alternaram movimentos de redução em 2000 e 2001 e de elevação em 2002 e 2003 (Gráfico 1). Existem indicações de que a desvalorização do real em janeiro de 1999 teve um efeito benéfico sobre a economia do Estado a partir do ano 2000, favorecendo o desempenho do mercado de trabalho e a redução do desemprego. Todavia, em 2002 e 2003, a possibilidade de uma mudança na orientação da gestão macroeconômica do país fez com que aumentassem as incertezas e a instabilidade, o que trouxe como implicação menores taxas de crescimento do produto e a conseqüente elevação do desemprego.



Já no período de 2004 a 2008, houve uma clara tendência de redução do desemprego na RMPA (Gráfico 1). O melhor desempenho macroeconômico, pelo menos até o terceiro trimestre de 2008, fez com que a taxa de desemprego total e o estoque de desempregados declinassem para 11,2% e 223 mil pessoas, respectivamente, níveis esses muito inferiores aos existentes na região ao final dos anos 1990. Em 2009, ano no qual tanto a economia do país quanto a do Estado passaram por uma recessão, o desemprego na RMPA não foi ampliado, mantendo-se praticamente no mesmo nível de 2008. Em parte, isto pode ser explicado por meio de um fator que operou pelo lado da oferta de trabalho, pois a taxa de participação se reduziu de 58,7% em 2008 para 58,1% em 2009, indicando diminuição da pressão da PEA sobre o mercado de trabalho. Tomadas em conjunto, essas evidências iniciais conduzem à constatação de que ocorreu uma importante retração do desemprego na região metropolitana no decênio em foco.

Este processo de redução do desemprego foi uma expressão da capacidade de absorção de mão de obra pelo mercado de trabalho local nos anos 2000, conforme se pode depreender a partir das evidências contidas no Gráfico 2. Neste sentido, com exceção de 2002, 2003 e 2009, nos outros anos a variação absoluta do estoque de ocupados na RMPA foi superior à da População Economicamente Ativa (PEA), com o que foi eliminado parte do contingente de trabalhadores desempregados. Particularmente, relevantes foram os anos de 2000 e 2008, pela magnitude da geração de oportunidades de trabalho e pela conseqüente redução no contingente de desempregados. Até mesmo na crise, em 2009, o modesto crescimento da ocupação esteve próximo ao da PEA, o que evitou uma onda mais intensa de desemprego no mercado de trabalho local.



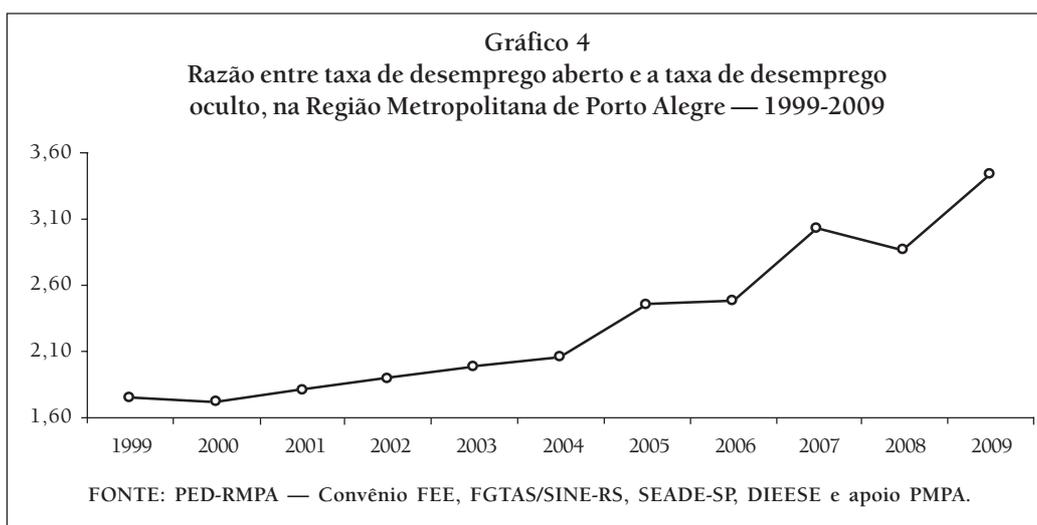
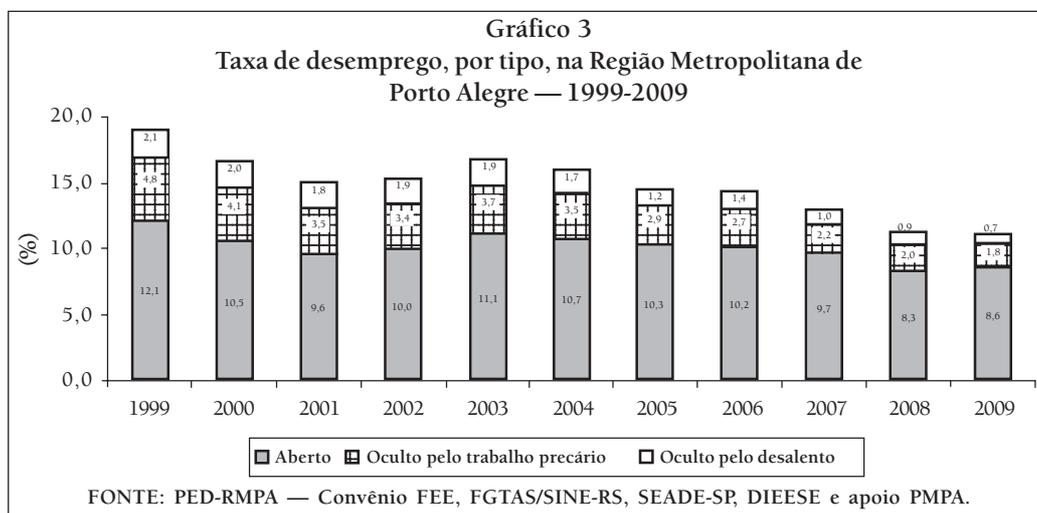
Foi assinalado anteriormente que uma das características metodológicas da PED diz respeito à possibilidade de decomposição do desemprego total em dois componentes, o aberto e o oculto⁽¹⁾. Tal abordagem metodológica permite avançar no conhecimento do desemprego em mercados de trabalho heterogêneos, como o latino-americano, no qual uma proporção considerável da força de trabalho não se encontra inserida na condição de trabalhador assalariado, com registros formais, localizando-se em uma região limítrofe entre ocupação, desemprego e inatividade.

Tendo presentes esses aspectos metodológicos, pode-se constatar que ao longo dos anos 2000 ocorreu redução tanto da incidência do desemprego aberto quanto do desemprego oculto na RMPA (Gráfico 3). A taxa de desemprego aberto havia atingido 8,6%, em 2009, patamar bastante inferior ao registrado ao final dos anos 1990, quando se encontrava em 12,1%. A taxa de desemprego oculto pelo trabalho precário havia declinado, nessa mesma base comparativa, de 4,8% para 1,8%, e a de desemprego oculto pelo desalento, de 2,1% para 0,7%, ou seja, essas evidências corroboram a compreensão de que houve melhora na incidência do desemprego na RMPA no período em foco, seja qual for o componente tomado como referência para análise.

Não obstante, é interessante perceber que a intensidade com a qual se reduziu a incidência do desemprego na RMPA foi muito superior no que se refere ao componente oculto *vis-à-vis* ao componente aberto (Gráfico 4). Conforme se constata, a razão

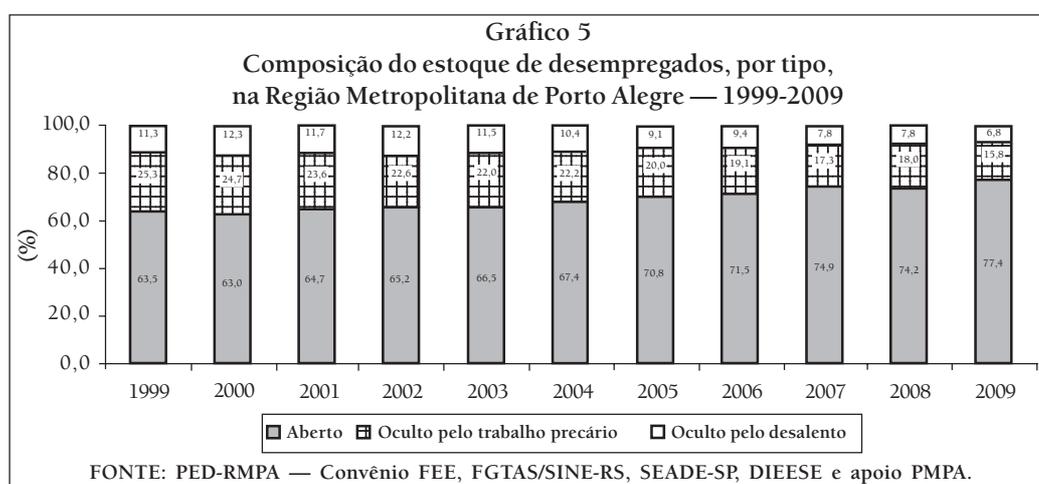
(1) Os conceitos de desemprego da PED são os seguintes: *desemprego aberto* — pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho nos últimos sete dias; *desemprego oculto pelo trabalho precário* — compreende as pessoas que procuraram efetivamente trabalho nos 30 dias anteriores ao dia da Pesquisa, ou nos últimos 12 meses, e que realizam, de forma irregular, algum trabalho remunerado, realizam algum trabalho não remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou realizam algum trabalho recebendo exclusivamente em espécie ou benefício; *desemprego oculto pelo desalento* — pessoas sem trabalho e que não o procuraram nos últimos 30 dias por desestímulo do mercado de trabalho, ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva nos últimos 12 meses (HOFFMANN *et al.*, 2002). Sobre os aspectos conceituais da metodologia de mensuração do desemprego na PED, ver Troyano (1988) e Hoffmann *et al.* (2002).

entre a taxa de desemprego aberto e a taxa de desemprego oculto evidenciou uma clara tendência de elevação ao longo dos anos 2000, atingindo 3,44 em 2009, praticamente o dobro em comparação a 1999, quando se situava em 1,75. Tal evidência pode se constituir em uma indicação de que se está processando uma mudança qualitativa no mercado de trabalho, expressa na perda de importância em termos relativos do desemprego oculto. A hipótese que a esse respeito se avança é a de que a melhora no grau de estruturação do mercado de trabalho metropolitano nos anos 2000, proporcionada não só pela capacidade de absorção de mão de obra, mas principalmente pela geração de emprego formal⁽²⁾, está contribuindo para configurar uma situação em que a incidência do desemprego oculto encaminha-se para patamares relativamente baixos, na medida em que os trabalhadores tenham acesso a alternativas ocupacionais mais satisfatórias, podendo dessa forma abandoná-lo.



(2) Sobre o processo de recuperação do emprego formal nos anos 2000 no país, ver *Cardoso Jr. (2007)*.

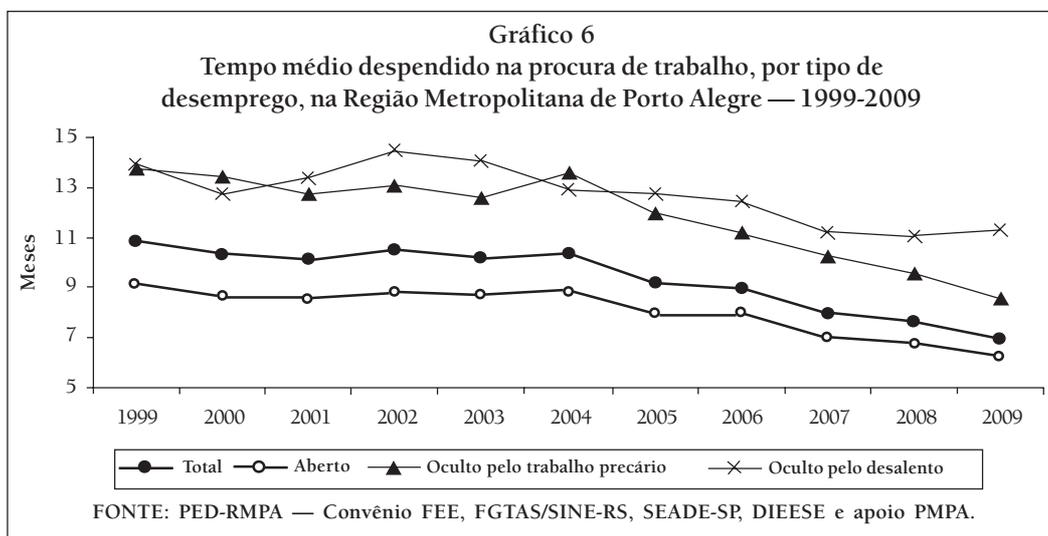
Esta proposta de interpretação encontra respaldo na própria evolução da composição do estoque de desempregados, por tipo, nos anos 2000 (Gráfico 5). Consta-se que ocorreu uma tendência nítida de redução da parcela relativa de indivíduos em desemprego oculto na RMPA no período em foco, de cerca de 14,0 pontos percentuais, na comparação de 1999 e 2009. Com isso, a proporção de trabalhadores em desemprego aberto havia se ampliado de 63,5% em 1999 para 77,4% ao final do período em análise. Se essa mudança pode ser tomada como duradoura a ponto de ser reconhecida como estrutural, trata-se de uma questão para a qual ainda não se dispõe de uma resposta categórica, pois sua evolução dependerá da continuidade do processo de melhora do mercado de trabalho local.



A duração do desemprego evidenciou uma redução sensível nos anos 2000 na RMPA (Gráfico 6). Apesar de não apresentar uma tendência muito clara até 2004, a partir de 2005, o tempo médio de procura de trabalho ingressou em uma trajetória descendente, atingindo 7 meses em 2009, 4 meses abaixo do nível verificado em 1999. Também, neste caso, o comportamento deste indicador coadunou-se com o aumento da capacidade de absorção de mão de obra pelo mercado de trabalho a partir de 2004 e com a conseqüente redução na incidência do desemprego.

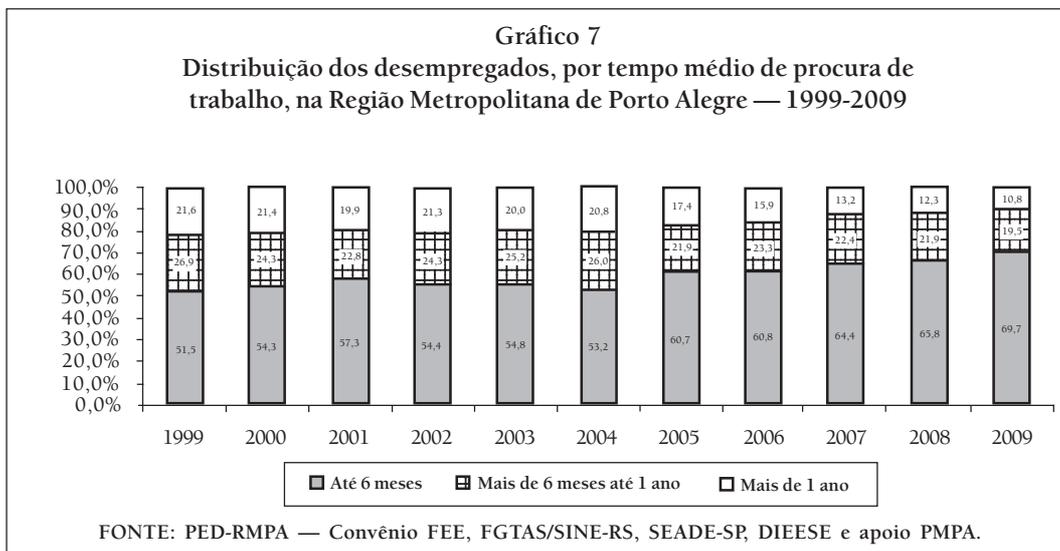
Pode-se constatar que o tempo médio de procura de trabalho registrou redução na RMPA para todos os tipos de desemprego nos anos 2000 (Gráfico 6). Em termos absolutos, o declínio mais acentuado ocorreu entre os indivíduos em desemprego oculto pelo trabalho precário (5 meses), enquanto para aqueles em desemprego aberto e em desemprego oculto pelo desalento a redução foi de menor magnitude (3 meses). A par destes aspectos, percebe-se que a duração média do desemprego situou-se ao longo de todo o período em patamares bem mais elevados entre os indivíduos em desemprego oculto *vis-à-vis* àqueles em desemprego aberto, o que é compreensível, ou seja, os indivíduos em desemprego oculto permanecem mais tempo na condição de desempregados seja por sobreviverem em trabalhos precários, seja por se encontrarem em uma situação de baixa expectativa no mercado de trabalho quanto à possibilidade

de obterem uma ocupação, o que configura o desalento. De forma distinta, aqueles em desemprego aberto se veem muito mais compelidos à procura de trabalho, o que acaba contribuindo para que entre eles a duração média do desemprego seja menor.



No que se refere ao tempo médio de procura, deve-se também ressaltar as mudanças que ocorreram na distribuição dos desempregados na RMPA de acordo com diferentes períodos de permanência nessa condição (Gráfico 7). Conforme se pode constatar, houve aumento da parcela relativa daqueles trabalhadores que se encontravam desempregados em até seis meses, de 51,5%, em 1999, para 69,7%, em 2009, e reduções das proporções daqueles com mais de seis meses a menos de um ano (de 26,9% para 19,5%) e com mais de um ano (de 21,6% para 10,8%). Dessa forma, essas evidências indicam uma expressiva mudança na estrutura do desemprego metropolitano, pois ocorreram perdas importantes de peso relativo entre os segmentos de maior tempo médio de procura da região nos anos 2000. A esse respeito, caberia destacar a redução pela metade da parcela relativa de trabalhadores em uma das situações de maior adversidade no mercado de trabalho, a dos desempregados havia mais de um ano de procura, reconhecida como sendo de longo prazo.

Gráfico 7
Distribuição dos desempregados, por tempo médio de procura de trabalho, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1999-2009



3. ASPECTOS DAS FONTES DE SOBREVIVÊNCIA DOS DESEMPREGADOS⁽³⁾

Esta seção aborda, brevemente, as fontes de sobrevivência dos trabalhadores desempregados na RMPA nos anos 2000. A investigação deste tema necessita se dar à luz das características do mercado de trabalho brasileiro, sendo uma das principais a heterogeneidade (DEDECCA e BALTAR, 1997). Como já assinalado neste estudo, parte importante da ocupação em mercados de trabalho heterogêneos não corresponde ao emprego assalariado com registros formais, estando nele inserida enquanto trabalhador autônomo, empregado doméstico ou assalariado não regulamentado. Disto decorre que uma proporção de tamanho considerável da força de trabalho encontra-se à margem do sistema de proteção social, não tendo acesso a diversos direitos e garantias legais, dentre os quais cabe destacar o seguro-desemprego. Esses aspectos são fundamentais no estudo sobre as condições de sobrevivência dos desempregados em mercados de trabalho heterogêneos.

Na perspectiva acima esboçada, a metodologia da PED mostra-se propícia para contribuir para a compreensão deste objeto de investigação. Ao decompor o desemprego em dois tipos, o aberto e o oculto, bem como este último em dois componentes, o oculto pelo trabalho precário e o oculto pelo desalento, a metodologia da pesquisa permite refinar empiricamente a investigação sobre os meios de sobrevivência dos trabalhadores desempregados. A questão básica que a esse respeito se coloca pode ser assim proposta: foram observadas mudanças na intensidade de uso das diferentes fontes de sobrevivência dos desempregados na RMPA nos anos 2000, em um ambiente de redução da incidência do desemprego e de recuperação dos principais indicadores do mercado de trabalho metropolitano, particularmente

(3) A respeito deste tema, ver também os trabalhos de *Fernandes (2003)* e *Picchetti e Zylberstajn (2003)*.

do emprego formal? Busca-se responder, tentativamente, a esta questão por meio das evidências contidas nas Tabelas 1, 2 e 3, a seguir.

No que diz respeito aos trabalhadores em desemprego aberto, a fonte de sobrevivência predominante é assegurada pelo fato de outros membros da família estarem ocupados, o que indica a importância deste tipo de laços na garantia de sobrevivência dos desempregados (Tabela 1). Ao longo de todos os anos 2000, cerca de 70,0% dos desempregados na RMPA apontaram este item como integrando os seus meios de sobrevivência. Isto revela que a convivência com a experiência do desemprego aberto na região passa em ampla medida pelo suporte econômico que se estabelece no âmbito privado, pelo apoio familiar. Tendo-se presente que os indivíduos podem utilizar mais de uma fonte de sobrevivência, constata-se que a segunda fonte mais apontada pelos desempregados constitui-se na ajuda de parentes e/ou conhecidos, ainda que a proporção de trabalhadores que afirmaram dela valer-se tenha se reduzido de 45,0%, em 1999, para 37,9%, em 2009. Novamente, esta representa uma alternativa de sobrevivência que pertence a uma lógica semelhante a anterior, no sentido em que as condições de vida do desempregado também são remetidas para a dimensão privada, dependendo, fundamentalmente, de suas relações pessoais.

Tabela 1 — Região Metropolitana de Porto Alegre: Fontes de sobrevivência dos indivíduos em situação de desemprego aberto (1999-2009) (%)

Discriminação	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Trabalhos irregulares, ocasionais, bicos, etc.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ajuda de parentes e/ou conhecidos	45,0	31,2	29,7	27,3	30,3	33,8	36,2	35,8	40,2	38,9	37,9
Outra(s) pessoa(s) da família têm trabalho	69,7	70,8	69,8	71,4	68,5	69,3	68,8	71,3	72,5	72,4	70,5
FGTS	3,4	3,5	3,9	3,9	3,2	(1)	(1)	(1)	4,0	(1)	(1)
Seguro-desemprego	5,2	4,8	5,0	6,5	6,3	4,9	5,2	7,3	7,6	8,8	9,1
Pensão ou aposentadoria	3,3	4,0	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Outros	8,2	10,6	10,4	11,0	10,8	10,3	11,6	10,8	8,8	10,2	10,7

Fonte: PED-RMPA — Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

No que se refere ao seguro-desemprego, dois aspectos devem ser assinalados (Tabela 1): o primeiro deles é o de que a proporção de trabalhadores em desemprego aberto que afirma utilizá-lo é relativamente baixa; e o segundo é o de que, não obstante, esta proporção ampliou-se no período em análise, passando de 5,2%, em 1999, para 9,1%, em 2009. Esta é uma fonte de sobrevivência qualitativamente distinta das anteriores, pois corresponde a uma política pública compensatória, de transferência temporária de renda para os trabalhadores que tenham sido objeto de demissão sem justa causa e que preencham os critérios de elegibilidade para acessá-la. A hipótese explicativa para o aumento da proporção de trabalhadores que apontaram o seguro-

-desemprego como fonte de sobrevivência está associada ao processo de recuperação do emprego formal na RMPA nos anos 2000, pois esta modalidade de inserção no mercado de trabalho, em caso de o trabalhador ter uma passagem pelo desemprego, gera as condições para o preenchimento dos critérios de elegibilidade e, assim, para o seu acesso. Portanto, a interpretação proposta para esta mudança deve ser buscada no processo de melhora do grau de estruturação do mercado de trabalho metropolitano nos anos 2000, capturado pela geração mais intensa de emprego com carteira de trabalho assinada.

Quanto ao segmento em desemprego oculto pelo trabalho precário, a fonte predominante de sobrevivência corresponde, como decorrência da própria construção do conceito deste componente, a trabalhos irregulares, ocasionais e bicos (Tabela 2). Ao longo dos anos 2000, praticamente, a totalidade deste contingente de trabalhadores da RMPA afirmou recorrer a esse meio de sobrevivência. Por sua vez, em torno da metade, indicou também como fonte de sobrevivência o fato de outras pessoas da família terem trabalho, sendo esse o segundo item mais assinalado. Ainda cerca de 1/5 do segmento afirmou recorrer à ajuda de parentes e/ou conhecidos como forma de sobrevivência em face do desemprego. Analisadas conjuntamente, essas evidências remetem para uma situação de adversidade em termos de condições de sobrevivência, a qual depende crucialmente de formas precárias de inserção na ocupação e/ou de auxílios obtidos no âmbito das relações familiares e pessoais. Um atenuante que a este respeito deve ser assinalado é o de que este contingente, que representava cerca de 25,0% do estoque de desempregados da região, em 1999, havia declinado para 16,0%, em 2009.

**Tabela 2 — Região Metropolitana de Porto Alegre:
Fontes de sobrevivência dos indivíduos em situação de
desemprego oculto pelo trabalho precário (1999-2009) (%)**

Discriminação	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Trabalhos irregulares, ocasionais, bicos, etc.	98,3	98,4	98,1	98,3	98,0	97,7	98,4	99,5	100,0	98,9	98,0
Ajuda de parentes e/ou conhecidos	18,5	16,9	18,3	15,7	17,7	19,1	20,8	17,6	18,8	19,9	(1)
Outra(s) pessoa(s) da família têm trabalho	49,6	52,7	50,8	51,5	51,2	50,8	50,7	55,5	52,6	53,9	54,8
FGTS	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Seguro-desemprego	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Pensão ou aposentadoria	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Outros	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte: PED-RMPA — Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

Entre os trabalhadores em desemprego oculto pelo desalento, predomina, como fonte de sobrevivência na RMPA, o suporte econômico obtido por meio de familiares que se encontram ocupados (Tabela 3). Conforme se constata, entre 71,0% e 77,0% destes desempregados citaram esse item como meio de sobrevivência ao longo dos

anos 2000. Já a ajuda de parentes e/ou conhecidos como fonte de sobrevivência atingiu proporções entre 28,0% e 36,0% ao longo do período⁽⁴⁾.

Tabela 3 — Região Metropolitana de Porto Alegre: Fontes de sobrevivência dos indivíduos em situação de desemprego oculto pelo desalento (1999-2009) (%)

Discriminação	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Trabalhos irregulares, ocasionais, bicos, etc.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ajuda de parentes e/ou conhecidos	41,5	29,4	28,0	28,2	30,5	35,9	34,5	35,3	(1)	(1)	(1)
Outra(s) pessoa(s) da família têm trabalho	74,3	73,1	74,4	74,0	73,7	70,8	72,8	72,2	76,5	72,1	72,2
FGTS	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Seguro-desemprego	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Pensão ou aposentadoria	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Outros	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte: PED-RMPA — Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

Pode-se, portanto, estabelecer a conclusão de que aqueles inseridos nesta modalidade de desemprego dependem exclusivamente de relações familiares e pessoais para terem acesso aos seus meios de sobrevivência, o que indica uma provável ausência de qualquer tipo de mecanismo público de proteção social.

4. DESEMPREGO DE ACORDO COM CARACTERÍSTICAS POPULACIONAIS E SOCIOECONÔMICAS

Nesta seção do trabalho, o objetivo é o de procurar avançar no conhecimento do fenômeno do desemprego na RMPA nos anos 2000, mediante uma análise que contemple características populacionais (sexo e idade) e socioeconômicas (posição no domicílio e escolaridade). Como pressuposto geral, assume-se que o desemprego se manifesta com intensidade distinta entre os diversos segmentos de trabalhadores (BARROS *et al.*, 1997; CHAHAD e PICCHETTI, 2003; CORSEUIL *et al.*, 1997; RODARTE *et al.*, 2005), com o que se coloca a necessidade de investigar quais são aqueles que mais têm sido por ele afetados, assim como que mudanças relevantes foram verificadas no período em foco.

4.1. Incidência e duração do desemprego

Segmentando-se a força de trabalho por *sexo*, constata-se que a incidência do desemprego na RMPA apresentou redução tanto para homens quanto para mulheres na comparação de 1999 com 2009, tendo diminuído para 9,1% entre os primeiros e

(4) De acordo com a Tabela 3, a partir de 2007, o item ajuda de parentes e/ou conhecidos não registra mais um número de ocorrências que permita que as suas estimativas sejam divulgadas, por falta de significância estatística. A esse respeito, cabe recuperar as evidências contidas no Gráfico 5, que mostram que a proporção de trabalhadores em desemprego oculto pelo desalento na RMPA reduziu-se de 11,3%, em 1999, para 7,8%, em 2007, atingindo posteriormente 6,8%, em 2009.

para 13,5% entre as últimas (Tabela 4). Todavia, mais importante é perceber que a intensidade da retração foi maior para os homens (-45,5%) do que para as mulheres (-38,4%), o que significou uma melhora relativa para a força de trabalho masculina *vis-à-vis* a feminina. No que se refere à duração do desemprego, houve redução de 4,7 meses no tempo médio de procura por trabalho entre homens, e de 3,5 meses entre as mulheres, na comparação de 1999 com 2009. Como a queda no tempo médio de procura por trabalho foi mais intensa entre os homens, também, neste caso, ampliou-se a diferença a eles favorável em relação às mulheres. De forma sumária, essas evidências estão a indicar uma maior adversidade das mulheres em comparação aos homens no mercado de trabalho da RMPA, em ambas as dimensões do desemprego⁽⁵⁾.

Tabela 4 — Região Metropolitana de Porto Alegre: Taxa de desemprego e tempo médio despendido na procura de trabalho, de acordo com características populacionais e socioeconômicas (1999 e 2009)

Discriminação	Taxa de desemprego (%)			Taxa média de procura (meses)		
	1999	2009	D (%)	1999	2009	D (%)
Total	19,0	11,1	-41,6	11,0	7,0	-36,6
Sexo						
Homens	16,7	9,1	-45,5	10,8	6,1	-43,6
Mulheres	21,9	13,5	-38,4	11,2	7,7	-31,5
Idade						
10 a 15 anos	60,7	(1)	-	5,8	(1)	-
16 a 24 anos	31,3	23,2	-25,9	8,9	5,5	-38,1
25 a 39 anos	15,6	10,0	-35,9	11,7	7,4	-37,0
40 anos e mais	12,2	6,2	-49,2	14,9	9,1	-38,9
Posição no domicílio						
Chefes	12,2	6,3	-48,4	12,4	7,3	-41,0
Cônjuge	17,5	9,9	-43,4	12,7	8,0	-37,0
Filhos	30,9	20,1	-35,0	9,5	6,3	-33,3
Demais membros	25,3	16,4	-35,2	9,4	6,6	-29,8
Escolaridade (2)						
Analfabetos	21,8	(1)	-	15,5	(1)	-
Fundamental incompleto	22,2	12,6	-43,2	10,9	7,1	-35,0
Fundamental completo a médio incompleto	22,9	15,7	-31,4	10,2	6,5	-36,4
Médio completo a superior incompleto	15,0	10,5	-30,0	11,4	6,9	-39,6
Superior completo	6,2	4,3	-30,6	12,8	9,6	-25,0

Fonte: PED-RMPA — Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

(2) A faixa de escolaridade fundamental incompleto inclui indivíduos alfabetizados sem escolarização.

(5) Esta situação é corroborada por outros estudos sobre a inserção feminina no mercado de trabalho do país e de suas regiões metropolitanas. A este respeito, ver *Rodarte et al.* (2005) e IPEA (2006).

No que diz respeito ao desemprego por *idade*, a sua incidência mostrou retração para todas as faixas etárias analisadas no período, mas esta foi de maior magnitude entre os segmentos de trabalhadores adultos comparativamente aos jovens: 49,2% para aqueles de 40 anos e mais, 35,9% para os de 25 a 39 anos e 25,9% para os de 16 a 24 anos (Tabela 4). Isto indica que o processo de melhora na incidência do desemprego na região foi relativamente menos satisfatório para os jovens, evidência que encontra respaldo na literatura sobre inserção dos jovens no mercado de trabalho, a qual sustenta que eles são relativamente menos beneficiados nas fases de expansão do ciclo econômico, bem como mais atingidos em suas fases de contração (O'HIGGINS, 1997; OIT, 2007). Quanto à duração do desemprego, esta apresentou declínio em ritmo levemente mais acentuado para os adultos de 40 anos e mais (-38,9%) em comparação aos adultos de 25 a 39 anos (-37,0%) e aos jovens de 16 a 24 anos (-38,1%). Por sua vez, assinala-se que tanto em 1999 quanto em 2009 o tempo médio de procura por trabalho era menor entre os jovens, o que provavelmente captura o fato deles estarem ingressando no mercado de trabalho ou transitarem com maior frequência entre atividade e inatividade econômica.

De acordo com a *posição no domicílio*, as maiores reduções na incidência do desemprego na RMPA ocorreram entre os chefes (-48,4%) e os cônjuges (-43,4%), e as menores entre os demais membros (-35,2%) e os filhos (-35,0%) (Tabela 4). O fato de que os chefes apresentaram o ritmo mais intenso de retração da taxa de desemprego deve ser tomado como socialmente positivo, na medida em que eles possuem maior responsabilidade pela manutenção econômica dos domicílios em que residem. Esta evidência pode constituir uma indicação de que tenha havido, no período, um avanço no padrão de vida das famílias. Na outra dimensão do desemprego em análise, relativa à sua duração, constata-se, novamente, um ritmo mais acelerado de queda para os chefes (-41,0%) e os cônjuges (-37,0%), comparativamente aos filhos (-33,3%) e aos demais membros (-29,8%). Ainda assim, não se alterou o fato de que chefes e cônjuges tivessem maior tempo médio de procura por trabalho comparativamente a filhos e a demais membros, ao final do período em análise. Aventa-se a possibilidade de que esta situação constitua uma característica estrutural do desemprego no recorte por posição no domicílio, pois chefes e cônjuges são majoritariamente indivíduos adultos, os quais são mais compelidos à procura de trabalho, o que deve ter o efeito de estender a duração do desemprego entre eles.

Segundo a *escolaridade*, é um tanto surpreendente que a incidência do desemprego na RMPA tenha se reduzido com mais intensidade entre os trabalhadores com menor nível de educação formal (Tabela 4). Conforme pode se constatar, o ritmo de redução da taxa de desemprego do segmento com escolaridade fundamental incompleta (-43,2%) foi muito superior ao verificado entre aqueles inseridos nas demais faixas de escolaridade, cujos ritmos de declínio foram bastante próximos. Assumindo-se a compreensão de que a educação formal é um atributo relevante na determinação da chance de obtenção de uma ocupação pelos trabalhadores, esse resultado não pode ser considerado intuitivo. Uma interpretação possível deste aparente paradoxo é a de que a mudança na composição da força de trabalho, no sentido de uma redução da

parcela relativa do segmento com menor nível de educação formal no período enfocado, provocando escassez relativa do mesmo no mercado de trabalho, contribuiu para que nele tenha ocorrido uma retração mais intensa do desemprego. No que diz respeito ao tempo médio de procura por trabalho, a redução mais acelerada ocorreu entre aqueles que pertenciam à faixa de escolaridade média completa a superior incompleto (-39,6%), enquanto a menor foi observada para o segmento com superior completo (-25,0%). A par dessas evidências, constata-se que o tempo médio de procura por trabalho era maior para os desempregados da faixa de escolaridade com superior completo *vis-à-vis* a todos os demais níveis de educação formal. Aqui, a interpretação proposta obedece a duas ordens de fatores: primeiro, a força de trabalho com superior completo talvez seja mais exigente em suas expectativas com relação à ocupação desejada, o que torna necessário maior tempo de procura para obtê-la; e, segundo, o aumento da força de trabalho com esse nível de educação formal pode estar acirrando a competição pelos postos de trabalho, o que também acaba contribuindo para que o tempo médio de procura deste segmento seja relativamente mais elevado do que o dos outros.

4.2. Composição do estoque de desempregados

Este tópico do trabalho tem o objetivo de analisar as mudanças na composição do estoque de desempregados de acordo com características demográficas e socioeconômicas na RMPA, entre 1999 e 2009. Com esse propósito, aplicou-se o método de decomposição das mudanças no estoque de desempregados utilizado no estudo de *Corseuil et al.* (1997, p. 450-451)⁽⁶⁾.

De acordo com esse estudo, a participação de um grupo populacional *i* no estoque de desempregados de uma região pode ser assim decomposta:

$$U_i/U = U_i/N_i \cdot N_i/P_i \cdot P_i/P \cdot P/N \cdot N/U \quad (1)$$

Em que

U_i = estoque de desempregados do grupo *i*;

U = estoque total de desempregados;

N_i = número de membros da PEA do grupo *i*;

N = número de membros da PEA total;

P_i = número de membros da População em Idade Ativa (PIA) do grupo *i*;

P = número de membros da PIA total.

(6) *Corseuil et al.* (1997) aplicaram este método para analisar as mudanças na composição do desemprego nas regiões metropolitanas em que é realizada a Pesquisa Mensal de Emprego, do IBGE, comparando 1986 com 1995.

Pode-se reescrever a expressão (1) do seguinte modo:

$$U_i / U = \frac{U_i / N_i}{U / N} \cdot \frac{N_i / P_i}{N / P} \cdot \frac{P_i}{P}$$

Transformando a expressão (1) em logaritmos, obtém-se:

$$\ln(U_i/U) = [\ln(U_i/N_i) - \ln(U/N)] + [\ln(N_i/P_i) - \ln(N/P)] + \ln(P_i/P) \quad (2)$$

A partir da expressão (2), pode-se obter:

$$\Delta \ln(U_i/U) = [\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)] + [\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)] + \Delta \ln(P_i/P) \quad (3)$$

Com base na expressão (3), *Corseuil et al.* (1997, p. 451) argumentam que a variação da participação do grupo *i* no estoque de desempregados de uma região irá depender (I) do comportamento da taxa de desemprego do grupo em comparação ao da taxa de desemprego da região; (II) do comportamento da taxa de participação na força de trabalho do grupo em comparação com o da taxa de participação na força de trabalho da região; (III) e da variação do peso do grupo na PIA da região. Neste sentido, pode-se trabalhar com a compreensão de que o componente I apreende pelo lado da demanda de trabalho as mudanças no peso do grupo *i* no estoque de desempregados, enquanto os componentes II e III o fazem pelo lado da oferta de trabalho. Assinale-se, adicionalmente, que o componente III é de caráter estritamente demográfico.

De acordo com a aplicação deste método de decomposição, constatou-se aumento da participação das mulheres no estoque de desempregados da RMPA, na comparação de 1999 com 2009, o que foi ocasionado tanto pelo componente que opera pelo lado da demanda de trabalho, quanto pelos que o fazem pelo lado da oferta de trabalho (Tabela 5). Por ordem de importância, o maior impacto foi provocado pelo fato de a taxa de desemprego deste segmento da força de trabalho ter decrescido em ritmo menos acelerado do que a média do mercado de trabalho. Logo após, o leve aumento da taxa de participação das mulheres *vis-à-vis* a média do mercado de trabalho também contribuiu para o aumento de sua parcela relativa no desemprego. Com menor intensidade, o pequeno incremento da população feminina na PIA total da RMPA favoreceu a que este contingente ampliasse a sua proporção no estoque de desempregados.

No que diz respeito aos jovens de 16 a 24 anos⁽⁷⁾, o leve incremento da sua participação relativa no estoque de desempregados foi ocasionado exclusivamente pelo componente que opera pelo lado da demanda de trabalho (Tabela 5). O que ocorreu neste caso é que a incidência do desemprego entre eles, apesar de ter se reduzido no período, o fez com menos intensidade do que a média do mercado de trabalho, indicando uma menor capacidade relativa de absorção de mão de obra juvenil. Por sua vez, o comportamento da taxa de participação dos jovens e, principalmente, o

(7) No que se refere ao recorte por *idade*, o segmento de crianças de 10 a 15 anos não possui um número de ocorrências em 2009 na base de dados da PED-RMPA que seja estatisticamente significativo, o que impede a mensuração da evolução do seu peso no estoque de desempregados. De qualquer forma, deve se ter presente que os grupos etários que constam da Tabela 5 não correspondem à totalidade dos desempregados da RMPA.

do seu peso na PIA total, contrabalançaram, em parte, o efeito da evolução da incidência do desemprego, limitando o crescimento da sua parcela relativa no estoque de desempregados. Portanto, quanto a este último componente, pode-se trabalhar com a compreensão de que a mudança demográfica nos anos 2000 incidiu em um sentido positivo sobre a situação dos jovens no mercado de trabalho metropolitano⁽⁸⁾.

O aumento do peso relativo dos adultos de 25 a 39 anos no estoque de desempregados da RMPA foi provocado tanto pela evolução da taxa de desemprego quanto da taxa de participação do segmento em relação às médias desses indicadores no mercado de trabalho (Tabela 5). Enquanto a taxa de desemprego deste grupo declinou menos do que a média do mercado de trabalho, a taxa de participação aumentou comparativamente à média, revelando maior engajamento na força de trabalho. Em sentido antagônico, o peso dos adultos de 25 a 39 anos na PIA total apresentou retração no período em análise, o que impediu uma ampliação de magnitude ainda maior de sua proporção no estoque de desempregados da região.

Tabela 5 — Região Metropolitana de Porto Alegre: Evolução da participação de grupos populacionais e socioeconômicos no estoque de desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2009

Discriminação	Dln (U _t /U)	Dln (U _t /N _t)- Dln (U/N)	Dln (N _t /P _t)- Dln (N/P)	Dln (P _t /P)
Sexo				
Homens	-0,109	-0,069	-0,028	-0,013
Mulheres	0,095	0,046	0,038	0,011
Idade				
16 a 24 anos	0,035	0,231	-0,011	-0,184
25 a 39 anos	0,078	0,093	0,042	-0,057
40 anos e mais	0,016	-0,150	-0,018	0,183
Posição no domicílio				
Chefes	-0,110	-0,121	-0,090	0,100
Cônjuge	0,002	-0,036	0,067	-0,028
Filhos	0,071	0,101	0,059	-0,089
Demais membros	-0,004	0,097	-0,038	-0,063
Escolaridade (1)				
Fundamental incompleto	-0,603	-0,040	-0,242	-0,321
Fundamental completo a médio incompleto	0,092	0,152	-0,066	0,006
Médio completo a superior incompleto	0,615	0,178	0,000	0,437
Superior completo	0,627	0,178	-0,025	0,474

Fonte: PED-RMPA — Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Nota: (1) A faixa de escolaridade fundamental incompleto inclui indivíduos alfabetizados sem escolarização.

(8) Esta situação é distinta daquela dos anos 1990, quando ocorreu uma onda jovem nas regiões metropolitanas do país. A este respeito, ver *Muniz* (2002).

Quanto aos adultos de 40 anos e mais, a sua parcela relativa no estoque de desempregados ficou praticamente inalterada no período em foco (Tabela 5). Isto se deveu a comportamentos da taxa de desemprego e da taxa de participação que exerceram impactos distintos ao do peso deste segmento na PIA: os dois primeiros componentes atuaram no sentido de reduzir a proporção dos adultos de 40 anos e mais no estoque de desempregados, mas o terceiro componente operou no sentido de ampliá-lo. Em outras palavras, se por um lado a incidência do desemprego se reduziu em ritmo mais acelerado para esse grupo etário, concomitantemente a uma leve queda em seu engajamento no mercado de trabalho, por outro, o processo de mudança demográfica⁽⁹⁾, ao aumentar o seu peso na PIA total, fez com que a evolução positiva do primeiro e do segundo componentes fosse praticamente anulada pelo do terceiro.

Ao se analisar as mudanças na composição do estoque de desempregados por posição no domicílio, os aspectos que mais se destacam são a redução da proporção de chefes e o aumento na de filhos (Tabela 5)⁽¹⁰⁾. A queda da parcela relativa de chefes se deu por meio de uma retração mais acentuada em sua taxa de desemprego em comparação à média do mercado de trabalho, bem como pelo declínio em sua taxa de participação na força de trabalho, dado que a evolução do seu peso na PIA total da região foi em sentido distinto, contra-arrestando os efeitos exercidos pelos outros dois componentes. O impacto socioeconômico da redução do peso dos chefes no desemprego no período em foco deve ser reconhecido como de extrema relevância, na medida em que estes possuem maior responsabilidade na manutenção de suas famílias. Quanto à posição no domicílio de filhos, o crescimento de sua proporção no estoque de desempregados foi ocasionado pelo comportamento relativamente menos satisfatório da incidência do desemprego, bem como pelo aumento do engajamento em atividades laborais deste segmento. A mudança demográfica, apreendida pelo peso na PIA total, foi também no sentido de reduzir a parcela relativa dos filhos no contingente de desempregados, à semelhança do que havia se evidenciado no segmento de jovens.

A composição do estoque de desempregados da RMPA por faixas de escolaridade mostra, no cotejo de 1999 com 2009, redução da proporção do segmento com fundamental incompleto e elevação de todos os demais, com ênfase entre aqueles com maiores níveis de educação formal (Tabela 5). Analisando-se a faixa de escolaridade com fundamental incompleto, constata-se que foram principalmente os componentes que operam pelo lado da oferta de trabalho que contribuíram para a queda de sua proporção no contingente de desempregados: tanto a taxa de participação na força de trabalho quanto o peso na PIA total apresentaram forte retração no período, sendo responsáveis por cerca de 90,0% da redução do segmento em análise no estoque de desempregados. Ainda que em magnitude muito menor, até mesmo a

(9) Sobre o processo de mudança na composição etária da força de trabalho da RMPA, ver o estudo de *Kreling* (2007).

(10) Os *cônjuges* e as *demais posições* praticamente não alteraram as suas participações no contingente de desempregados da RMPA, na comparação de 1999 com 2009.

evolução da incidência do desemprego entre os trabalhadores com fundamental incompleto incidiu no sentido de reduzir a sua proporção no contingente em desemprego, o que pode ser tomado como um aparente paradoxo, assumindo-se que a educação formal é um dos atributos definidores das condições de inserção dos indivíduos no mercado de trabalho.

A faixa de escolaridade com médio completo a superior incompleto evidenciou forte elevação no estoque de desempregados, tendo para tanto contribuído decisivamente o componente demográfico: cerca de 70,0% de tal elevação ocorreu graças ao aumento do peso do segmento na PIA total. Essa intensa expansão da PIA com escolaridade média completa a superior incompleto é uma das prováveis causas que explica o fato de a incidência do desemprego no segmento ter se reduzido em ritmo menos acelerado do que a da média do mercado de trabalho, o que também operou no sentido de ampliar o seu peso no estoque de desempregados da região. Quanto à força de trabalho com escolaridade superior completa, o crescimento da sua proporção no estoque de desempregados também se deu, em ampla medida, pelo aumento do peso do segmento na PIA, assim como por meio de uma retração em ritmo menos acelerado em sua taxa de desemprego comparativamente à média do mercado de trabalho. Também neste caso, a evolução relativamente menos favorável na incidência do desemprego entre os indivíduos com escolaridade superior completa deve ter sido influenciada pela expansão na oferta de trabalhadores com este nível de educação formal na RMPA.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi mostrado neste estudo, o desemprego passou por um processo importante de redução na RMPA nos anos 2000. Em um ambiente macroeconômico mais favorável, com ênfase particular no período de 2004 ao terceiro trimestre de 2008, a capacidade de geração de oportunidades de trabalho tornou possível uma retração do desemprego no mercado de trabalho da região metropolitana para níveis bastante inferiores aos verificados no final do decênio anterior.

Por meio da metodologia da PED, foi mostrado que ocorreu queda tanto do desemprego aberto quanto do oculto na RMPA nos anos 2000. Todavia, como o declínio do último foi muito superior ao do primeiro, a razão entre a incidência de ambos praticamente dobrou no período enfocado. Decorre deste processo que a parcela relativa de trabalhadores em desemprego oculto recuou cerca de 14 pontos percentuais no estoque total de desempregados. Como interpretação desta mudança, propôs-se que a mesma foi suscitada pelo aumento no ritmo de absorção de mão de obra combinado à recuperação do emprego formal no período, com a melhora na estruturação do mercado de trabalho e a conseqüente diminuição do peso relativo do desemprego oculto.

O tempo médio de procura por trabalho dos desempregados na RMPA evidenciou redução de 11 para 7 meses, na comparação de 1999 com 2009. Foi também mostrado

que ocorreu uma mudança na própria composição do desemprego, no sentido em que os segmentos com maior tempo médio de procura registraram diminuição em suas parcelas relativas no estoque de desempregados. De particular relevância, foi a queda pela metade da proporção de desempregados de longo prazo, na medida em que esse segmento se encontra em uma situação de maior adversidade no mercado de trabalho.

Foram identificadas tanto semelhanças quanto diferenças nas estratégias de sobrevivência dos desempregados na RMPA ao longo dos anos 2000, de acordo com o tipo de desemprego. A semelhança mais marcante diz respeito a que uma grande proporção de trabalhadores em desemprego aberto e em desemprego oculto indicou que as suas fontes de sobrevivência eram propiciadas pelo fato de que outras pessoas da família tinham trabalho, assim como pela ajuda de parentes e/ou conhecidos, ou seja, em ampla medida, os desempregados dependem de suportes que se dão fora do sistema de proteção social, os quais obedecem a uma lógica vinculada às relações familiares e pessoais. Em relação especificamente ao desemprego aberto, um aspecto interessante que emergiu do estudo foi o de que a proporção de trabalhadores que indicou o seguro-desemprego como fonte de sobrevivência, ainda que relativamente baixa, praticamente dobrou no período. De acordo com a compreensão proposta, isto provavelmente está apreendendo o processo de recuperação do emprego formal nos anos 2000, pois ter a carteira de trabalho assinada é uma das condições de habilitação para o acesso a este programa compensatório. Quanto ao desemprego oculto pelo trabalho precário, derivado da própria construção conceitual deste componente do desemprego, a fonte predominante de sobrevivência era os trabalhos irregulares e ocasionais.

No que se refere ao desemprego segundo características populacionais e socioeconômicas na RMPA, na comparação de 1999 com 2009, as evidências mostraram uma redução mais intensa de sua incidência entre os homens, os trabalhadores de 40 anos e mais, os chefes de domicílio e os com escolaridade fundamental incompleta. Em termos de tempo médio de procura, o ritmo de redução foi mais acelerado entre os homens, os adultos de 40 anos e mais, os chefes de domicílio e os indivíduos com escolaridade média completa a superior incompleta. Quanto às mudanças na composição do estoque de desempregados por atributos pessoais, sobressaíram-se, por um lado, o aumento das participações das mulheres, dos adultos de 25 a 39 anos e dos segmentos mais escolarizados e, por outro, a redução do peso dos chefes de domicílio e do segmento com escolaridade fundamental incompleta.

Tendo em vista que as evidências proporcionadas por este estudo indicaram uma redução relevante do desemprego na RMPA nos anos 2000, em diferentes dimensões — incidência, estoque e duração —, caberia, agora, refletir brevemente sobre as perspectivas de sua evolução no futuro próximo no mercado de trabalho da região metropolitana. Com base na interpretação sugerida por este estudo, a retomada do processo de estruturação do mercado de trabalho metropolitano nos anos 2000, apreendida pela expansão do emprego com registros formais, conduziu não só à redução da incidência do desemprego, mas também à diminuição mais intensa do seu

componente oculto. Trata-se de uma mudança cujos desdobramentos têm implicações qualitativas, pois os trabalhadores com carteira de trabalho assinada que venham a experimentar uma situação de desemprego aberto poderão reunir as condições de habilitação para ter acesso ao seguro-desemprego, o que trará consigo a ampliação do grau de proteção social da força de trabalho metropolitana.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ricardo *et al.* *A estrutura do desemprego no Brasil*. Brasília: IPEA, Texto para discussão n. 478, 1997.

CARDOSO JR., José. As fontes de recuperação do emprego formal no Brasil e as condições para sua sustentabilidade temporal. *Revista da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho*, São Paulo: LTr, v. VI, n. 2, 2007.

CHAHAD, José; PICCHETTI, Paulo. A evolução da taxa de desemprego estrutural no Brasil: uma análise entre regiões metropolitanas e características dos trabalhadores. In: CHAHAD, José; PICCHETTI, Paulo (Orgs.). *Mercado de trabalho no Brasil — padrões de comportamento e transformações estruturais*. São Paulo: LTr, 2003.

CHAVES, André. *et al.* O mercado de trabalho da RMPA a partir dos anos 90: precarização e (re)estruturação em duas décadas de transformações. In: CONCEIÇÃO, Octávio *et al.* (Coords.). *Três décadas de economia gaúcha*. Porto Alegre: FEE, 2010.

CORSEUIL, Carlos *et al.* Determinantes da evolução da estrutura do desemprego no Brasil: 1986-1995. *Economia aplicada*. São Paulo: USP, v. 1, n. 3, 1997.

DEDECCA, Cláudio; BALTAR, Paulo. Mercado de trabalho e informalidade nos anos 90. *Estudos Econômicos*. São Paulo: USP, v. 27, número especial, 1997.

FERNANDES, Reynaldo. Estratégias de sobrevivência do trabalhador desempregado. In: CHAHAD, José; PICCHETTI, Paulo (Orgs.) *Mercado de trabalho no Brasil — padrões de comportamento e transformações estruturais*. São Paulo: LTr, 2003.

GALEAZZI, Irene *et al.* Desemprego e precarização do trabalho: a experiência na Região Metropolitana de Porto Alegre. In: WILTGEN, Roberto; GARCIA, Lúcia (Coords.). *Transformações do mercado de trabalho metropolitano: os 10 anos da PED-RMPA*. Porto Alegre: FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, FAT/MTE, PMPA, 2002.

HOFFMANN, Marise *et al.* O sistema PED: pesquisa de emprego e desemprego em seis regiões metropolitanas. In: WILTGEN, Roberto; GARCIA, Lúcia (Coords.). *Transformações do mercado de trabalho metropolitano: os 10 anos da PED-RMPA*. Porto Alegre: FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, FAT/MTE, PMPA, 2002.

HUSSMANN, Ralf. *Measurement of employment, unemployment and underemployment — current international standards and issues in their application*. Genebra: International Labour Organisation, 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Brasil: o estado de uma nação*. Brasília: IPEA, 2006.

KRELING, Norma. Trabalhadores mais maduros predominam na Região Metropolitana de Porto Alegre. In: BASTOS, Raul (Coord.). *Dimensões da precarização do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre*. Porto Alegre: Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, MTE/FAT e apoio PMPA, 2007.

MUNIZ, Jerônimo. As discontinuidades demográficas exercem efeitos sobre o mercado de trabalho metropolitano dos jovens? *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas: ABEP, v. 19, n. 2, 2002.

OFICINA INTERNACIONAL DEL TRABAJO. *Trabajo decente y juventud* — América Latina. Lima: OIT, 2007.

O'HIGGINS, Niall. *The challenge of youth unemployment*. Genebra: OIT, 1997. (Employment and training papers n. 7.)

PICCHETTI, Paulo; ZYLBERSTAIN, Hélio. Um estudo sobre as fontes de recursos para os desempregados da Região Metropolitana de São Paulo — 1986 a 2001. In: CHAHAD, José; PICCHETTI, Paulo (Orgs.). *Mercado de trabalho no Brasil — padrões de comportamento e transformações estruturais*. São Paulo: LTr, 2003.

RODARTE, Mário *et al.* Desemprego de longa duração como corolário da “Década Neoliberal”: a evolução do desemprego metropolitano entre as décadas de 1990 a 2000. *Anais do IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho*. Recife: ABET, 2005.

TONI, Miriam. Precarização do trabalho a partir dos anos 90: reversão da tendência no período recente? In: BASTOS, R. (Coord.). *Dimensões da precarização do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre*. Porto Alegre: Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, MTE/FAT e apoio PMPA, 2007.

TROYANO, Annez. Como medir o desemprego numa economia subdesenvolvida. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: SEADE, v. 2, n. 3, 1988.

Recebido em 3 de março de 2011.

Aceito em 18 de outubro de 2011.